

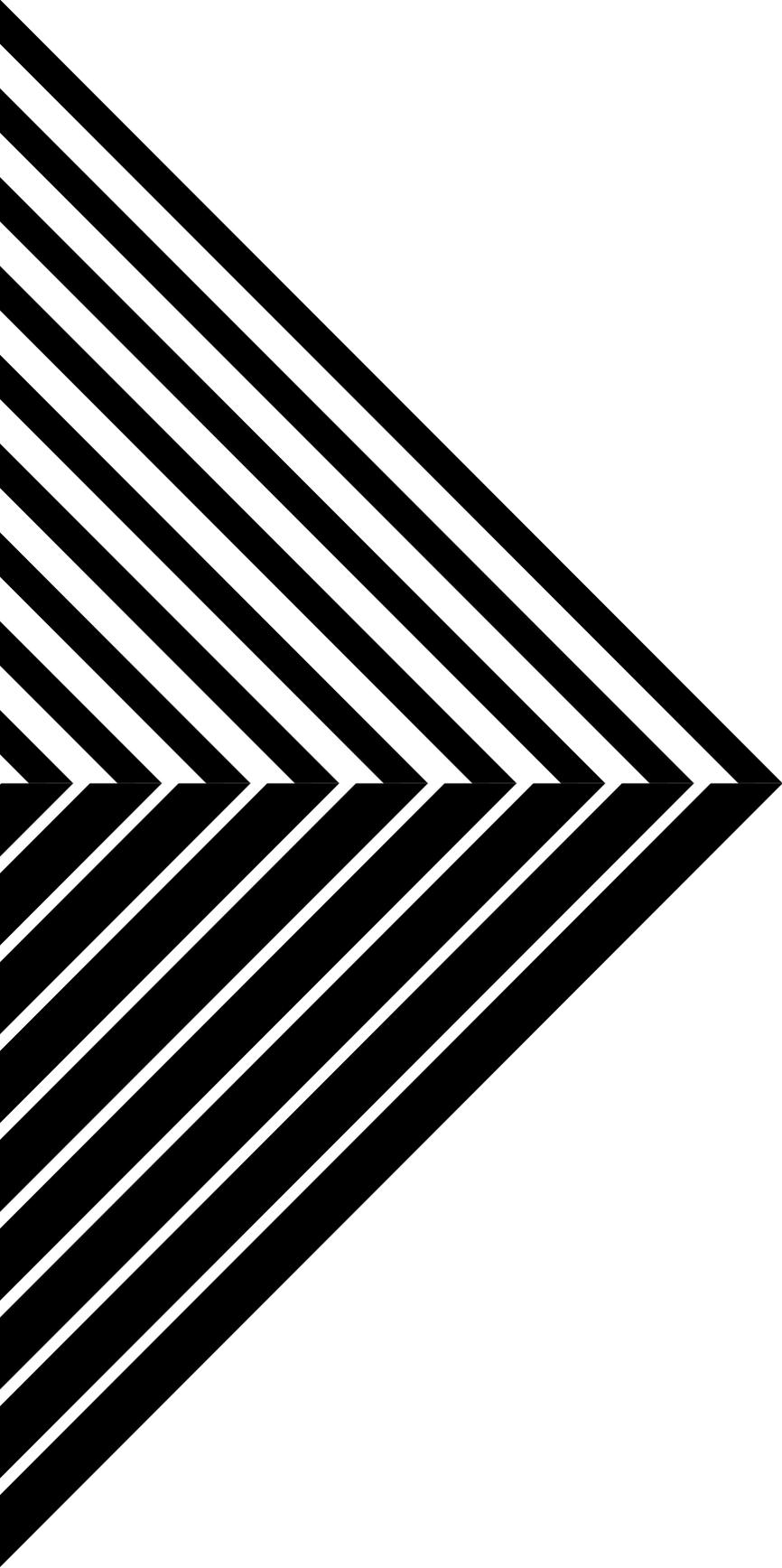
COLEÇÃO ARGONAUTAS

Quem conheceu a discordância entre dois leitores apaixonados de Mauss – a leitura sociológica de Georges Gurvitch e a antropológica (“muito pessoal”) de Claude Lévi-Strauss – pode bem entender como o pensamento maussiano era – e é ainda – suficientemente rico para abranger até interpretações contraditórias. Os ensaios aqui reunidos, e a leitura que deles faz Lévi-Strauss, tornam este volume um guia inestimável para nos conduzir ao núcleo do pensamento de Marcel Mauss e a oportunidade de entrar no período de constituição da sociologia e da antropologia, quando, ainda irmãs siamesas, começam a se consolidar como disciplinas.

Ao recomendar esses ensaios, algumas considerações surgem como pertinentes. Desde o primeiro, *Esboço de uma teoria geral da magia*, escrito em 1902-03, Mauss demonstra sua vocação ao trabalho associado, ao recorrer à parceria com Henri Hubert, seu íntimo colaborador no *Année Sociologique* – a revista que ficaria famosa como expressão do pensamento sociológico e antropológico francês no início do século XX. Nesse ensaio que se tornaria uma de suas primeiras contribuições à antropologia social, a separação entre magia e religião é realizada com maestria. Os ensaios seguintes, do segundo ao quarto, foram escritos nos anos 20, já mostrando um pensamento mais maduro no trato dos fenômenos sociais. É quando escreve o seu mais famoso, o Ensaio sobre a dádiva, um texto central de sua obra, no qual a Dádiva passa a ser vista não apenas como um ato econômico, mas como uma modalidade de relacionamento humano, a rigor, como fenômeno que dá origem à sociabilidade, ou um “fato social total”. Em *Psicologia e sociologia*, seu texto mais durkheimiano, explora a sociologia em suas conexões com a psicologia, já como instância suscetível de pesquisa científica e devidamente separada tanto da filosofia quanto da própria psicologia.

Por fim, *Ensaio sobre a ideia de morte, Noção de pessoa e As técnicas do corpo*. Com eles, Mauss abre pelo menos três de suas mais importantes temáticas de investigação: o poder das ideias na consciência coletiva, o lugar do indivíduo em suas múltiplas representações e as técnicas corporais vistas como uma “tecnologia sem instrumento”! Cabe ao leitor fazer sua própria incursão no pensamento de um dos pais fundadores do que conhecemos hoje como ciências sociais.

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA



MARCEL MAUSS
SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

introdução Claude Lévi-Strauss
textos Georges Gurvitch e Henri Lévy-Bruhl
tradução Paulo Neves

ubu

- 7 Prefácio à primeira edição Georges Gurvitch (1950)
- 9 Introdução à obra de Marcel Mauss Claude Lévi-Strauss

PARTE 1 (com Henri Hubert)

Esboço de uma teoria geral da magia

- 49 I. Histórico e fontes
- 55 II. Definição da magia
- 62 III. Os elementos da magia
- 130 IV. Análise e explicação da magia
- 180 V. Conclusão
- 184 Apêndice

PARTE 2

Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas

- 191 Introdução – Da dádiva e, em particular, da obrigação de retribuir os presentes
- 201 I. As dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las
- 219 II. Extensão desse sistema: liberalidade, honra, moeda
- 277 III. Sobrevivências desses princípios nos direitos e nas economias antigos
- 308 IV. Conclusão

PARTE 3

Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia

- 336 I. Lugar da sociologia na antropologia
- 342 II. Serviços recentes prestados pela psicologia à sociologia
- 348 III. Serviços a prestar à psicologia pela sociologia
- 354 IV. Questões colocadas à psicologia
- 360 Excerto – Resumo da conclusão do debate

PARTE 4

Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade – Austrália, Nova Zelândia

- 366 I. Definição da sugestão coletiva da ideia de morte
- 371 II. Tipos de fatos australianos
- 376 III. Tipos de fatos neozelandeses e polinésios

PARTE 5

Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”

- 387 I. O tema: a pessoa
- 391 II. O personagem e o lugar da pessoa
- 403 III. A persona latina
- 405 IV. A persona
- 410 V. A pessoa: fato moral
- 412 VI. A pessoa cristã
- 414 VII. A pessoa, ser psicológico
- 417 VIII. Conclusão

PARTE 6

As técnicas do corpo

- 421 I. Noção de técnica do corpo
- 429 II. Princípios de classificação das técnicas do corpo
- 432 III. Enumeração biográfica das técnicas do corpo
- 441 IV. Considerações gerais

PARTE 7

Morfologia social

- 447 Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós
- 531 Tabelas

- 535 Bibliografia geral
- 563 Sobre o autor *In memoriam* Henri Lévy-Bruhl

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1950)

GEORGES GURVITCH

Ao publicar esta miscelânea de estudos do saudoso Marcel Mauss, acreditamos satisfazer um justo desejo há muito expresso pelos sociólogos, etnógrafos e estudantes dessas duas disciplinas. Com efeito, cada um desses estudos, e particularmente os dois primeiros, que são os mais importantes desta coletânea, constituem verdadeiras monografias sociológicas de primeiríssima ordem e de um conteúdo mais rico que muitos livros inteiros. O fato de que os leitores se vissem na impossibilidade de consultá-los sem pesquisá-los em periódicos nos quais estavam dispersos constituía um verdadeiro estorvo para o trabalho científico, tanto na França quanto no estrangeiro. Estamos particularmente felizes que uma obra-prima da sociologia francesa como *Ensaio sobre a Dádiva – forma e razão da troca* nas sociedades arcaicas possa enfim aparecer num volume separado e facilmente manejável, graças a esta nova coleção, Biblioteca de Sociologia Contemporânea, da qual ele constitui um dos primeiros volumes.

Não nos propusemos de maneira nenhuma incluir nesta coletânea o conjunto das publicações sempre importantes de Marcel Mauss. Estudos tão famosos como o *Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós** e como a dissertação *Fragmento de um plano de sociologia geral descritiva*, sem falar do início da tese

* Desde a terceira edição (1966), *Sociologia e antropologia* compreende, segundo desejo expresso por Georges Gurvitch antes de sua morte, o ensaio de Marcel Mauss sobre as sociedades esquimós, publicado inicialmente em *Année Sociologique* (Mauss 1904-05) e jamais reimpresso depois. [Nota dos editores franceses]

de Mauss sobre *A prece*, nem de seu estudo tão conhecido *Sobre o sacrifício* e artigos escritos em colaboração seja com Durkheim, *Algumas formas primitivas de classificação*, seja com Fauconnet, *Sociologia* (na *Grande Encyclopédie Française*), e outros mais, não puderam encontrar lugar nesta coletânea.

As razões disso são diversas. Acreditamos poder reservar, para uma publicação das obras completas de Mauss, estudos tais como as *Variações sazonais*, o *Fragmento de um plano* e *Sociologia*, já que eles não tinham diretamente seu ponto de partida nas crenças e na psicologia coletiva dos arcaicos, às quais toda esta coletânea é dedicada. Por outro lado, pareceu-nos impossível – e isso com muito mais pesar – reproduzir *A prece*, dado que o próprio autor suspendeu sua publicação propondo-se substituí-la por um outro texto. Quanto a *Sobre o sacrifício*, ele foi publicado num outro livro, *Mélanges d'Histoire des Religions* [Miscelâneas de História das Religiões] de Henri Hubert e Marcel Mauss, e o artigo *Algumas formas primitivas de classificação* foi assinado tanto por Durkheim quanto por Mauss; sua reprodução nesta coletânea poderia assim colocar problemas delicados. Finalmente, a obra de Mauss sobre *A nação* não pôde ainda receber todos os esclarecimentos necessários, mas esperamos que saia sem muita demora em volume separado na mesma coleção.

Levando em conta todas essas considerações, acreditamos fazer o melhor possível ao reunir neste volume todos os estudos de Mauss que podiam ser novamente publicados sem levantar dificuldades, e que convergiam para um tema que se começa a designar cada vez mais pelo termo de “antropologia cultural”. Como Marcel Mauss os tratou com mão de mestre, não apenas do ponto de vista etnográfico mas igualmente como grande sociólogo que ele é, o título deste livro, *Sociologia e antropologia*, impôs-se por si mesmo, o termo “antropologia” sendo tomado no sentido amplo de “antropologia cultural” corrente na América.

Entre os estudos que publicamos, somente o *Esboço de uma teoria geral da magia* foi assinado, juntamente com Mauss, por Henri Hubert, cuja memória gostaríamos aqui de homenagear. O leitor encontrará na Introdução de Claude Lévi-Strauss uma imagem impressionante da riqueza inesgotável da herança intelectual legada por esse grande cientista, bem como uma interpretação muito pessoal de sua obra.

INTRODUÇÃO À OBRA DE MARCEL MAUSS CLAUDE LÉVI-STRAUSS

Poucos ensinamentos permaneceram tão esotéricos e poucos, ao mesmo tempo, exerceram uma influência tão profunda quanto o de Marcel Mauss. Esse pensamento às vezes opaco por sua densidade mesma, mas inteiramente atravessado de cintilações, esses caminhos tortuosos que pareciam se perder no momento em que o mais inesperado dos itinerários conduzia ao núcleo dos problemas, somente aqueles que conheceram e escutaram o homem podem apreciar plenamente sua fecundidade e fazer o balanço de sua dívida em relação a ele. Não nos estenderemos aqui sobre seu papel no pensamento etnológico e sociológico francês. Ele foi examinado noutra parte (Lévi-Strauss 1947). Seja suficiente lembrar que a influência de Mauss não se limitou aos etnógrafos, nenhum dos quais poderia dizer ter escapado a ela, mas se estendeu também aos linguistas, psicólogos, historiadores das religiões e orientalistas, de modo que, no domínio das ciências sociais e humanas, uma plêiade de pesquisadores franceses lhe deve, de alguma forma, a orientação. Para os demais, a obra escrita permanecia muito dispersa e, em geral, de difícil acesso. O acaso de um encontro ou de uma leitura podia despertar ecos duráveis: reconheceríamos facilmente alguns deles em Radcliffe-Brown, Malinowski, Evans-Pritchard, Firth, Herskovits, Lloyd Warner, Redfield, Kluckhohn, Elkin, Held e muitos outros. No conjunto, a obra e o pensamento de Mauss agiram antes por intermédio de colegas e de discípulos em contato regular ou ocasional com ele do que diretamente, na forma de palavras ou de escritos. É essa situação paradoxal que vem remediar uma coletânea de dissertações e de comunicações

que estão longe de esgotar o pensamento de Mauss, e da qual cabe esperar que apenas inaugure uma série de volumes em que a obra inteira – já publicada ou inédita, elaborada a sós ou em colaboração – poderá ser finalmente apreendida em sua totalidade.

Razões práticas presidiram a escolha dos estudos reunidos neste volume. No entanto, esta seleção fortuita permite já destacar alguns aspectos de um pensamento cuja riqueza e diversidade ela consegue, ainda que imperfeitamente, ilustrar.

1

O que impressiona, em primeiro lugar, é o que gostaríamos de chamar o *modernismo* do pensamento de Mauss. O *Ensaio sobre a ideia de morte* introduz ao núcleo de preocupações o que a medicina dita psicossomática trouxe à atualidade apenas no curso dos últimos anos. É verdade que os trabalhos sobre os quais W. B. Cannon fundou uma interpretação fisiológica dos distúrbios por ele chamados homeostáticos remontam à Primeira Guerra Mundial. Mas foi numa época bem mais recente (Cannon 1942) que o ilustre biólogo considerou em sua teoria esses fenômenos singulares, que parecem colocar imediatamente em relação o fisiológico e o social, para os quais Mauss chamava a atenção já em 1926, não, certamente, porque os tivesse descoberto, mas como um dos primeiros a sublinhar a autenticidade, a generalidade e, sobretudo, a extraordinária importância deles para a justa interpretação das relações entre o indivíduo e o grupo.

A mesma preocupação, que domina a etnologia contemporânea, com a relação entre grupo e indivíduo inspira também a comunicação sobre as técnicas do corpo que encerra este volume. Ao afirmar o valor crucial, para as ciências do homem, de um estudo da maneira como cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo, Mauss anuncia as mais atuais preocupações da escola antropológica americana, tais como iriam se exprimir nos trabalhos de Ruth Benedict, Margaret Mead e da maior parte dos etnólogos americanos da jovem geração. É por intermédio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos: “As crianças são treinadas... a controlar reflexos... inibir seus medos... selecionar paradas e movimentos”. Essa pesquisa da

projeção do social sobre o individual deve investigar o mais profundo dos costumes e das condutas; nesse domínio, não há nada de fútil, nada de gratuito, nada de supérfluo: “A educação da criança é repleta daquilo que chamamos detalhes, mas que são essenciais”. E ainda: “Quantidades de detalhes, inobservados e cuja observação deve ser feita, compõem a educação física de todas as idades e de ambos os sexos”.

Assim, Mauss não apenas estabelece o plano de trabalho que será, de forma predominante, o da etnografia moderna ao longo dos dez últimos anos, mas percebe ao mesmo tempo a consequência mais significativa dessa nova orientação, isto é, a aproximação entre etnologia e psicanálise. Era preciso muita coragem e clarividência a um homem, oriundo de uma formação intelectual e moral tão pudica quanto a do neokantismo reinante em nossas universidades no final do século passado, para partir, como ele o faz aqui, à descoberta “de estados psíquicos desaparecidos de nossas infâncias”, produzidos por “contatos de sexos e de peles”, e para dar-se conta de que haveria de achar-se “em plena psicanálise, provavelmente bastante fundamentada aqui”. Donde a importância, plenamente percebida por ele, do momento e das modalidades do desmame e das maneiras pelas quais o bebê é manuseado. Mauss entrevê inclusive uma classificação dos grupos humanos em “povos com berços,... povos sem berços”. Basta citar os nomes e as pesquisas de Margaret Mead, Ruth Benedict, Cora Du Bois, Clyde Kluckhohn, D. Leighton, E. Erikson, K. Davis, J. Henry etc., para avaliar a novidade dessas teses, apresentadas em 1934, isto é, no ano mesmo em que apareciam os *Padrões de cultura*, ainda muito distantes dessa posição do problema e no momento em que Margaret Mead estava em via de elaborar no trabalho de campo, na Nova Guiné, os princípios de uma doutrina muito próxima, e da qual sabemos a enorme influência que estava destinada a exercer.

Sob dois pontos de vista diferentes, aliás, Mauss permanece à frente de todos os desenvolvimentos ulteriores. Ao abrir às pesquisas etnológicas um novo território, o das técnicas do corpo, ele não se limitava a reconhecer a incidência desse gênero de estudos sobre o problema da integração cultural: sublinhava também sua importância intrínseca. Ora, nesse aspecto nada ou quase nada foi feito. De dez ou quinze anos para cá, os etnólogos consentiram em debruçar-se sobre certas disciplinas corporais, mas apenas na

INTRODUÇÃO – DA DÁDIVA E, EM PARTICULAR, DA OBRIGAÇÃO DE RETRIBUIR OS PRESENTES

Epígrafe

Eis algumas estrofes do *Havamál*, um dos velhos poemas do *Eda* escandinavo.¹ Elas podem servir de epígrafe a este trabalho, na medida em que colocam diretamente o leitor na atmosfera de ideias e de fatos entre os quais irá transcorrer nossa demonstração.²

39 Jamais encontrei homem tão generoso
e tão pródigo em alimentar seus hóspedes
que “receber não fosse recebido”,
nem homem tão... (falta o adjetivo)
de seu bem
que receber em troca lhe fosse desagradável.³

1. Foi Cassel (1918: 345) que nos indicou esse texto. Os estudiosos escandinavos estão familiarizados com esse traço de sua Antiguidade nacional. **2.** Maurice Cahen consentiu em fazer para nós essa tradução. **3.** A estrofe é obscura, sobretudo porque falta o adjetivo no verso 4, mas o sentido é claro quando este é suprido, como geralmente se faz, por uma palavra que quer dizer liberal, perdulário. O verso 3 é igualmente difícil. Cassel traduz por: “que toma o que lhe oferecem”. A tradução de Cahen, ao contrário, é literal. “A expressão é ambígua, ele nos escreve; uns compreendem: ‘que receber não lhe fosse agradável’; outros interpretam: ‘que receber um presente não comportasse a obrigação de retribuí-lo’. Inclino-me naturalmente pela segunda explicação.” Apesar de nossa incompetência em norreno antigo, permitimo-nos uma outra interpretação. A expressão corresponde evidentemente a um velho centão que devia significar algo como “receber é recebido”. Isso admitido, o verso faria alusão ao estado de espírito em que se encontram o visitante e o visitado. Cada um supostamente oferece sua

- 41 Com armas e vestimentas
os amigos devem se obsequiar;
cada um o sabe por si mesmo (por sua própria experiência)
Os que se dão mutuamente presentes
são amigos por mais tempo
se as coisas conseguem se encaminhar bem.
- 42 Deve-se ser um amigo
para seu amigo
e retribuir presentes por presentes;
deve-se ter
riso por riso
e fraude por mentira.
- 43 Sabes isto, se tens um amigo
em quem confias
e se queres obter um bom resultado,
convém misturar tua alma à dele
e trocar presentes
e visitá-lo com frequência.
- 44 Mas, se tens um outro
de quem desconfias
e se queres chegar a um bom resultado,
convém dizer-lhe belas palavras
mas ter pensamentos falsos
e retribuir fraude por mentira.

hospitalidade ou seus presentes como se eles jamais deveriam ser retribuídos. Mesmo assim, cada um aceita os presentes do visitante ou as contraprestações do anfitrião, porque são bens e também um meio de fortalecer o contrato, do qual são parte integrante. Parece-nos, inclusive, que se pode distinguir nessas estrofes uma parte mais antiga. A estrutura de todas é a mesma, curiosa e clara. Em cada uma, um centão jurídico forma o centro: “que receber não seja recebido” (39), “os que se dão presentes são amigos” (41), “retribuir presentes por presentes” (42), “convém misturar tua alma à dele e trocar presentes” (43), “o avarento sempre teme os presentes” (48), “um presente dado espera sempre um presente de volta” (145) etc. É uma verdadeira coleção de ditados. Esse provérbio ou regra é cercado de um comentário que o desenvolve. Lidamos aqui não apenas com uma antiquíssima forma de direito, mas também com uma antiquíssima forma de literatura.

- 46 É assim com aquele
em quem não confias
e de quem suspeitas os sentimentos,
convém sorrir-lhe
mas falar contra a vontade;
os presentes dados devem ser semelhantes aos presentes recebidos.
- 48 Os homens generosos e valorosos
têm a melhor vida;
não sentem temor algum.
Mas um poltrão tem medo de tudo;
o avarento sempre teme os presentes.

Cahen assinala também a estrofe 145:

- 145 Mais vale não rezar (pedir)
do que sacrificar demais (aos deuses):
um presente dado espera sempre um presente de volta.
Mais vale não levar oferenda
do que gastar demais com ela.

Programa

Percebe-se o tema. Na civilização escandinava e em muitas outras, as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria voluntários, na verdade obrigatoriamente dados e retribuídos.

Este trabalho é um fragmento de estudos mais vastos. Há anos nossa atenção dirige-se ao mesmo tempo para o regime do direito contratual e para o sistema das prestações econômicas entre as diversas seções ou subgrupos de que se compõem as sociedades ditas primitivas, e também as que poderíamos chamar arcaicas. Existe aí um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo for-

mas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam.

De todos esses temas muito complexos e dessa multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo mas isolado: o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social, e quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico. E não obstante indicarmos com precisão os diversos princípios que deram esse aspecto a uma forma necessária da troca – isto é, da própria divisão social do trabalho –, vamos estudar a fundo somente um de todos esses princípios. *Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?* Eis o problema ao qual nos dedicamos mais especialmente, ao mesmo tempo em que indicamos os outros. Esperamos dar, por um número bastante grande de fatos, uma resposta a essa questão precisa e mostrar em que direção é possível lançar um estudo das questões conexas. Também se verá a que novos problemas somos levados: uns dizem respeito a uma forma permanente da moral contratual, a saber, a maneira como o direito real permanece ainda em nossos dias ligado ao direito pessoal; outros dizem respeito às formas e às ideias que sempre presidiram, ao menos parcialmente, à troca, e que ainda hoje suprem em parte a noção de interesse individual.

Assim, atingiremos um duplo objetivo. De um lado, chegaremos a conclusões de certo modo arqueológicas sobre a natureza das transações humanas nas sociedades que nos cercam ou que imediatamente nos precederam. Descreveremos os fenômenos de troca e de contrato nessas sociedades que são, não privadas de mercados econômicos, como se afirmou – pois o mercado é um fenômeno humano que, a nosso ver, não é alheio a nenhuma sociedade conhecida –, mas cujo regime de troca é diferente do nosso. Nelas veremos o mercado antes da instituição dos mercados, e

antes de sua principal invenção, a moeda propriamente dita; de que maneira ele funcionava antes de serem descobertas as formas, pode-se dizer modernas (semítica, helênica, helenística e romana), do contrato e da venda, de um lado, e a moeda oficial, de outro. Veremos a moral e a economia que regem essas transações.

E, como constataremos que essa moral e essa economia funcionam ainda em nossas sociedades de forma constante e, por assim dizer, subjacente, como acreditamos ter aqui encontrado uma das rochas humanas sobre as quais são construídas nossas sociedades, poderemos deduzir disso algumas conclusões morais sobre alguns problemas colocados pela crise de nosso direito e de nossa economia, e nos deteremos aí. Essa página de história social, de sociologia teórica, de conclusões de moral, de prática política e econômica, não nos leva, no fundo, senão a colocar mais uma vez, sob formas novas, antigas mas sempre novas questões.⁴

Método seguido

Seguimos um método de comparação preciso. Primeiro, como sempre, só estudamos nosso tema em áreas determinadas e escolhidas: Polinésia, Melanésia, Noroeste americano, e alguns grandes direitos. A seguir, naturalmente, escolhemos apenas direitos nos quais, graças aos documentos e ao trabalho filológico, tivéssemos acesso à consciência das próprias sociedades, pois se trata aqui de termos e de noções; isso restringiu ainda mais o campo de nossas comparações. Por fim, cada estudo teve por objeto sistemas que nos limitamos a descrever, um após o outro, em sua integridade; renunciamos, portanto, a essa comparação constante em que tudo se mistura e em que as instituições perdem toda cor local, e os documentos, seu sabor.⁵

4. Não pude consultar Burckhard (1899: 53-ss). Mas, quanto ao direito anglo-saxão, o fato que vamos evidenciar foi muito bem percebido por Pollock & Maitland (1898: 82): “*The wide word gift, which will cover sale, exchange, gage and lease*” [a ampla palavra *gift*, que cobrirá venda, troca, penhor, arrendamento]. Cf. também pp. 12, 212-14: “Não há dádiva gratuita que tenha força de lei”. Cf. também toda a dissertação de Neubecker (1909: 65-ss), a propósito do dote germânico. 5. As notas e tudo o que não está em caracteres maiores são indispensáveis somente aos especialistas.

COLEÇÃO ARGONAUTAS

Marcel Mauss

Sociologia e antropologia

Henri Hubert & Marcel Mauss

Sobre o sacrifício

Claude Lévi-Strauss

Antropologia estrutural

Claude Lévi-Strauss

Antropologia estrutural dois

Pierre Clastres

A sociedade contra o Estado

Roy Wagner

A invenção da cultura

Marilyn Strathern

O efeito etnográfico

Manuela Carneiro da Cunha

Cultura com aspas

Eduardo Viveiros de Castro

A inconstância da alma selvagem

© Ubu Editora, 2017

© Presses Universitaires de France, 1950

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

ASSISTENTE EDITORIAL Mariana Schiller

REVISÃO TÉCNICA Marcela Coelho de Souza

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura

PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mauss, Marcel [1872-1950]

Sociologia e antropologia: Marcel Mauss

Título original: Sociologie et anthropologie

Introdução: Claude Lévi-Strauss

Parte 1: Henri Hubert (coautor)

In memoriam: Henri Lévy-Bruhl

Tradução: Paulo Neves

1ª edição

São Paulo: Ubu Editora, 2017

576 pp.

ISBN 978 85 92886 30 1

CDD 306

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências Sociais 2. Antropologia Social 3. Marcel Mauss
4. Henri Hubert

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br